

Eliana Alves Cruz

O crime do
Cais do Valongo

5ª edição



O defunto mais estranho de São Sebastião

Escrevi a notícia inteira com luxos de detalhes, mas sabia que não sairia na *Gazeta do Rio de Janeiro*. Este libreto de repórter enfadonho, de um palmo de medida, que só falava das guerras e conflitos da Europa, dos assuntos ligados a Dom João e sua família ou, ainda, de avisos de compras, vendas, viagens... Queria que este periódico fosse como os que o marujo Caetano me trazia entre seus contrabandos: moderno. Se assim o fosse, não escaparia de ter nele escrito que o todo poderoso Intendente-Geral de Polícia, Paulo Fernandes Viana em pessoa, coçava a cabeça e franzia a testa enquanto comprimia um lenço de linho bordado no nariz, se defendendo dos odores da decomposição que já fazia seu trabalho corrosivo.

Acompanhado de dois guardas da Divisão Militar da Guarda Real, olhava a face intumescida de seu parente distante e vizinho na chácara do Andarahí Grande sem entender nada. O morto estava envolto em uma colcha sob medida, com uma faca cravada na barriga e com duas partes do corpo decepadas. Era o defunto mais estranho de toda a São Sebastião do Rio de Janeiro.

Ele, que despachava a cada dois dias com D. João VI em pessoa e dominava a área da segurança pública, nunca vira nada parecido. Palavras dele. E era sua responsabilidade patrulhar as ruas, expedir passaportes, vigiar os estrangeiros, fiscalizar as condições sanitárias dos depósitos de escravos e provi-

denciar moradia para os novos habitantes que a cidade recebeu com a chegada da corte ao país.

— Há menos de uma semana estava este gajo na chácara oferecendo uma festa “daquelas” dignas de um vice-rei! Mas o que terá passado...? — murmurava Paulo Fernandes, enquanto verificava o defunto.

O corpo do comerciante Bernardo Lourenço Vianna estava acomodado em um caixote, a um canto na Rua Detrás do Hospício, ali bem perto da Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos, que, além do mais, ficava muito próxima da residência do intendente, uma imponente casa da Rua do Conde, perto do Campo de Sant’Anna. Sua famosa carroça estava estacionada a poucos metros. O Intendente pensava que o primo, próspero negociante do Valongo era, decerto, uma figura presunçosa e bastante desagradável. Conhecia-o bastante bem das históricas desavenças familiares e também porque sua hospedaria — a Vale Longo — um pulgueiro bem próximo aos armazéns, trapiches e tabernas daqueles subúrbios, por vezes recebia quem chegava fugido dos conflitos na Europa e atraído pela presença da Família Real em solo brasileiro, mas não tinha dinheiro para ocupar os lugares nobres da cidade. Também tivera vários arranca-rabos com ele por conta dos depósitos de escravos; o pançudo era sócio em diversos. Entre suas atribuições como intendente estava a de fiscalizar as condições daqueles locais.

Ficou famosa uma briga entre ambos após a inspeção do Armazém 23, quase defronte à hospedaria. Bernardo não

queria gastar um único vintém para fazer as modificações recomendadas e sempre se valia do parentesco distante com o intendente para escapar. Desta vez foi multado. O bate-boca entre os primos aumentou de tom e ganhou as ruas, para assombro dos transeuntes. Bernardo apelou para os assuntos familiares e privados. Pronto. Por muito pouco o comerciante não saiu dali direto para a prisão.

Paulo Fernandes sempre achou que o temperamento de Bernardo o colocaria em desventuras infinitas ao longo da vida, mas nunca imaginou que o acharia morto daquela forma tão estranha e justo naquele momento, em que parecia estar no auge de suas posses, finalmente com o título de barão, cuja obtenção tanto o perturbara, e prestes a se casar com uma moça belíssima, de uma das famílias mais tradicionais da cidade, Emerenciana Campelo D'Ávila.

Apesar do estranhamento entre os dois, depois que ascendeu na vida e eles passaram a ser vizinhos no Andarahí em suas chácaras para descanso, Bernardo entendeu que, afinal, eram primos em terceiro grau e não convinha arrastar um mau relacionamento com o parente poderoso. Selou a paz enviando vez por outra um bom vinho ou azeitonas de suas remessas, chamando-o para um licor, um café, um bom Havana na varanda ou, ainda, mandando finos tecidos para a requintadíssima esposa do Intendente.

Em ocasião das visitas à chácara, a africana Muana servia aos primos, com aquele seu porte altivo e rosto marcante,

alguns quitutes feitos pela mocinha chamada Roza, enquanto o negro grande de nome Marianno capinava matos e mantinha a propriedade limpa. Os três e o senhor alternavam períodos na chácara e na hospedaria, pois ele agora podia dar-se ao luxo de fechar por alguns dias a estalagem no Valongo para repousar no sítio afastado.

A polícia foi chamada por alguns moradores incomodados com o cheiro. Eu era um privilegiado, pois a garapa sempre me deixava imune aos odores da cidade, quase sempre pútridos. Os primeiros suspeitos — seus três pretos — não se achavam fugidos. Estavam em sua hospedaria e, aparentemente, não pareciam estar envolvidos, mas... O Intendente suspirou sentindo um cansaço, pois percebeu que a investigação daria trabalho. O fim deste homem parecia-lhe apenas o começo de uma longa história.

Eu, com fortes dores de cabeça e a barriga embrulhada depois da carraspana do dia anterior, estava imune ao cheiro, mas não ao ensurdecedor barulho. Abri a janela disposto a espantar toda aquela gente desocupada, quando vi o tumulto no beco. O susto foi tanto, que saí do jeito que estava: meio vestido, meio pelado. A memória do dia anterior vinha em doses e confusas. Alguns scandalizaram-se mais com a minha figura seminua e de cabelos em pé do que com o motivo da confusão: um morto em meio à imundície tradicional. Vá lá que, pensando bem, ele até que compunha bem o cenário. Quando vi o rosto do finado, ajoelhei de mãos postas, pois algum demônio maro-

to fazendo o mal acabou por fazer-me o bem. Ali jazia o meu maior e mais feroz credor!

A crioula Tereza, sabedora da minha total falta de fé em milagres, arregalou os olhos e fez uma careta.

— Mais que marmota é esta agora, Nuno?

Levantei sorrindo feito um dos bobos do hospício instalado pelos freis ali próximo, bailando de ceroulas. Ora, ora! Vejam as voltas que a vida dá, pois se não era o senhor Bernardo quem parecia ter se metido em uma enrascada das grandes?! Também cocei a cabeça pensando que havia muito a cidade não tinha uma novidade daquelas. Em honra a minha vida salva pelo assassinio de tão detestável figura, decidi investigar, e quais não foram minhas descobertas... e quais não foram! A prova maior é que estou eu aqui, Nuno Alcântara Moutinho, um letrado aspirante a livreiro, lendo as tantas coisas escritas por aquela preta. Estou vivamente impressionado. Quem diria! Vamos a ela.

--- &&&---

Eu leio, eu escrevo

“Ô meu sinhô, já chegou? Sim! Já estou indo, meu sinhô! Ligeiro me apronto e chego de volta antes da hora de sua ceia.”

Falei curvando-me, amarrando o lenço com pressa na cabeça e ganhando a rua para chegar com ligeireza à Rua do Pas-